



GT 014. Antropologia das Emoções

Maria Claudia Pereira Coelho (ICS/UERJ) -
 Coordenador/a, Ceres Victora (UFRGS) -
 Coordenador/a, Eduardo Moura Pereira Oliveira
 (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) -
 Debatedor/a, Raphael Bispo dos Santos (UFJF) -
 Debatedor/a, Lara Beleli (Núcleo de estudos de
 Gênero - Pagu/UNICAMP) - Debatedor/a

A antropologia das emoções vem se consolidando como área autônoma no Brasil há cerca de vinte anos. Ao longo desse percurso, podemos identificar um conjunto de temáticas agrupadas em torno de dois eixos principais: as temáticas ligadas a áreas da vida associadas à dimensão "privada" e as temáticas vinculadas ao "mundo público". Para as primeiras, podemos arrolar problemas de pesquisa ligados ao corpo, à sexualidade ou a saúde/doença; para as segundas, listamos os movimentos sociais, a violência ou os universos profissionais/institucionais. Esse Grupo de Trabalho tem como proposta avançar na superação dessa dicotomia, incluindo em seus focos de interesse, ao lado do elenco já canônico de temáticas passíveis de abordagem pela antropologia das emoções, novos problemas concebidos sob a égide da reflexão sobre essa dicotomia. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções e instituições/práticas estatais; b) emoções e políticas públicas; c) emoções, moral e formas do cuidado; d) emoções, violência e vitimização; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) corpo, sensorialidade e emoções; h) emoções, gênero e sexualidade; i) emoções e experiências de saúde/doença.

"The happiest man is the man that stays still": emoções em contexto de mobilidade e precariedade acadêmica

Autoria: Vinicius Kauê Ferreira

A partir de uma pesquisa etnográfica sobre pesquisadores em ciências sociais de origem indiana buscando fazer uma carreira na Europa, esta comunicação propõe uma análise antropológica de vidas construídas em situação de "mobilidade indefinida". Enquanto "mobilidade internacional" torna-se uma palavra-chave das políticas científicas, "jovens pesquisadores" são levados a uma vida peripatética no contexto de um modelo dominante de empregabilidade acadêmica baseado em contratos temporários em diferentes instituições e países (Höhle, 2016). Em um momento de grande precarização da vida acadêmica (que tem sido objeto de grande discussão na Europa, nos Estados Unidos e na Ásia, e que começa a acontecer no Brasil), esses pesquisadores buscam construir não apenas uma carreira, mas uma vida em todas as suas dimensões "on the road". Baseando-me numa literatura já consolidada em antropologia das emoções, proponho estudar as relações entre transformações contemporâneas profundas no campo acadêmico e suas reverberações na construção de projetos de vida (Velho, 1992), subjetividades e emoções entre pesquisadores indianos que desejam ter uma vida estável na Europa. Para isso, parto de três constatações principais: (a) a existência de fortes sentimentos de ansiedade e instabilidade face à impossibilidade de se estabelecer profissionalmente, que por sua vez é visto como uma barreira a uma real vida íntima, familiar e política; (b) o sentimento de "fracasso" como lógica de self-management num contexto acadêmico permeado por discursos de excelência e produtividade; e (c) o medo compartilhado por meus interlocutores, filhos de classes médias estáveis, de uma "downward mobility" (descensão social) (Berlant, 2011). Em suma, esta comunicação leva em conta um contexto não somente de neoliberalização da academia (Wright, 2016; Giroux, 2014), mas também de precarização da vida (Khosravi, 2017), afim de buscar entender modos de gestão das emoções em processos de subjetivação da precariedade e de resignificação de projetos de vida.



Realização:



Apoio:



Organização:

